

Literatura e cidade: uma reflexão a partir do século XX

*Stefane Soares Pereira**

RESUMO

Este texto tem por objetivo analisar como a linguagem literária responde aos processos de urbanização e demais valores imersos na modernidade e na contemporaneidade. Para isso, coletaremos obras a partir do século XX que relatam a violência e o caos produzido nos centros urbanos. Estão incluídas as obras de Rubem Fonseca (1975), Ferreira Gullar (1975), Sérgio Vaz (2011) e Marcelino Freire (2011). Assim, observaremos que a literatura chamada “marginal”, hoje - representada por autores como Sérgio Vaz e Marcelino Freire-, em verdade apresenta-se como uma voz “subalterna” que aflorou provocativamente dando maior vida ao alerta feito por escritores envolvidos com a harmonia da sociedade desde o século passado.

Palavras-chave: Cidades. Literatura do século XX. Literatura Marginal.

ABSTRACT

The aim of this text is to analyze the literary language response to the urban processes and forthcoming values submerged in the modern and contemporary times. To this, works of the 20th century that deal with violence and chaos produced in downtown areas were collected. It is included works of Rubem Fonseca (1975), Ferreira Gullar (1975), Sérgio Vaz (2011) and Marcelino Freire (2011). It is observed that “marginal” literature, today – represented by authors such as Sérgio Vaz and Marcelino Freire-, in fact, is presented as the “subaltern” voice which provocatively flourished bringing to life the alert of writers involved with the harmony of the society since last century.

Key-words: Cities. Literature in the 20th century. Marginal Literature.

1 INTRODUÇÃO

O mundo moderno tornou-se objeto de produção artística para escritores que habitam os grandes centros urbanos. O avanço tecnológico

*Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atual doutoranda do Programa de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. stefani87@gmail.com

e científico trouxe ilusões para as sociedades capitalistas, uma vez que os povos acreditaram que a modernidade/ a indústria seria, na prática, o símbolo das oportunidades. As cidades contribuíram com a exclusão, a discriminação, colocando à margem os sujeitos impossibilitados e incapazes de compartilharem dos anúncios mediáticos e de usufruírem de toda a beleza difundida pelo envoltório de objetos. As cidades passaram a ser reconhecidas pela fugacidade, pelo maquinismo, pela impessoalidade, resultando, assim, em desigualdades.

Essas desigualdades estão cada vez mais presentes nas sociedades contemporâneas, são mais destoantes e, conseqüentemente, mais “invisíveis”. Os sujeitos que ocupam a margem, como diria Gayatri Spivak (1988), são subalternos, pois além de não poderem falar, também não podem ser produtores da cultura.

Autores como Rubem Fonseca e Ferreira Gullar apropriaram-se das cidades como território de imagens superpostas e de multiplicidade textual, denunciando problemas sociais como a violência urbana, a precariedade da infraestrutura urbana e a carência de bens. Esses autores, porém, não estavam “dentro do problema” quando escreveram sobre tais fatores. Contudo, a nosso ver, a produção destes autores é tão importante quanto a literatura produzida por autores “marginais” ou “periféricos”, ou seja, que nasceram dentro da periferia, como Sérgio Vaz e Marcelino Freire.

Dentro dessa perspectiva, refletiremos sobre as produções literárias dos séculos XX e XXI em relação às cidades enquanto modelos civilizatórios.

2 A DESORIENTAÇÃO DOS SENTIDOS E A RELAÇÃO COM O OUTRO

A era moderna é, sobretudo, a era da técnica, da máquina, seguida pela mudança na organização social por meio da ciência e da tecnologia. O saber passa a ser valorizado em contraposição aos séculos anteriores. A pós-modernidade e a contemporaneidade seguem esse estímulo de racionalidade. Domício Proença Filho, no livro **Pós-modernismo e literatura** (1988, p. 20), assinala que com o racionalismo e a burocratização surge também o “cerceamento da liberdade individual, o desencanto da vida prosificada, uma sensação de vazio existencial”. As mudanças sociais produzem uma “quebra” no sujeito: “A modernização

social trouxe progresso e ampliou as possibilidades de bem-estar do homem, mas, no seu curso, ele foi cada vez mais desindividualizando-se e fragmentando-se” (PROENÇA FILHO, 1988, p. 20-21).

A vida do narrador do conto “O outro”, de Rubem Fonseca, demonstra o maquinismo da era moderna. A falta de tempo e a sensação diária de incompletude do trabalho fazem parte do cotidiano do sujeito moderno e pós-moderno. O narrador diz: “sempre tinha a impressão de que não havia feito nada de útil”; “eu tinha a impressão de que não havia feito tudo o que precisava ter feito” (FONSECA, 2012, p. 63). O narrador acha graça quando o médico diz que ele “precisava diminuir de peso e mudar de vida”, pois mudar de vida é fugir do corriqueiro, da pressa do sujeito moderno, máquina, é ir contra a produção, é tornar-se inútil.

Renato Cordeiro Gomes, na obra **Todas as cidades, a cidade** (1994, p. 25) afirma que “romper com o racional é condição indispensável para a realização do humano e suas potencialidades inventivas”. Em nossos tempos, não temos tempo para olhar para o outro. Todos estão imersos no labirinto das cidades. Parar significa estagnar-se, romper com a razão. Ao fazer isso o narrador de “O outro” sente seu vazio, irritando-se. Ele não pode olhar para si, e menos para o lado. Somente o faz quando ataques cardíacos atropalham seu ritmo racional.

O pedinte que aparece no conto “O outro” simboliza as classes marginalizadas, excluídas e invisibilizadas nos espaços urbanos. Nós os vemos sem vê-los. A partir do momento em que, no emaranhado das existências humanas presentes nas cidades reincide um personagem, o narrador de “O outro” se sente atemorizado: “Apresssei o passo, sentindo um aperto no coração, era como se eu tivesse sendo perseguido por alguém, um sentimento infantil de medo contra o qual tentei lutar” (FONSECA, 2012, p. 65). Isso se deve porque as cidades modernas (pensando principalmente no cenário brasileiro) se caracterizam por sua insensatez, desumanização e banalidade de eventos recorrentes de violência, pobreza e corrupção.

O pedinte, mendigo, desabrigado (são vários as formas de referência) prova um mal-estar no narrador de o “O outro”, que passa a viver um conflito subjetivo com o mundo circundante, dito “civilizado”, onde se pressupõe o lar como abrigo, energia elétrica, água encanada, rede de esgoto. Realidade muito distante em considerável parte dos espaços urbanos. O narrador se frustra com a cidade ilegível, não sabe

como reagir a ela, como respondê-la. Rubem Fonseca, assim, denuncia a nossa realidade social, mostrando-a cruamente.

A maneira pela qual o narrador encontra para livrar-se do personagem parece não ser incomum em nossa sociedade. Afinal, esses sujeitos não possuem uma identidade, são invisíveis, vivem às sombras da escuridão social. Rubem Fonseca, no conto “A arte de andar nas Ruas do Rio de Janeiro”, mostra como a sociedade “esconde” a pobreza ao tomar medidas de retirada de mendigos e desabrigados das vistas da sociedade. Na voz do mendigo Benevides observamos esse processo de “limpeza” social: “estão dizendo que vai ter aqui na cidade um congresso de estrangeiros e que vão querer esconder a gente dos gringos” (FONSECA, 1994, p. 614).

Benevides, assim como outros sujeitos à margem da sociedade, são excrementos das cidades. “Fedem” e não devem ser *vistos*, assim como o lixo. Augusto, em sua atitude baudelairiana de *flanêur*, diz que uma cidade grande, ou seja, as metrópoles, produzem “muito excremento” (FONSECA, 1994, p. 593). É pela ordem organizacional de nossas sociedades capitalistas que nós mesmos produzimos esses excrementos.

Segundo Gomes (1994) a metrópole capitalista com a vida angustiante, os intermináveis atentados aos seus habitantes, converte-se em constante estímulo para a modernidade. As diversas linguagens e aspirações artísticas e ideológicas medem-se por sua relação com o metropolitano. Assim, Rubem Fonseca observa a cidade do Rio de Janeiro, a contradição da sociedade civilizada: condomínios luxuosos de um lado e favelas do outro. Uma cidade “guardada por morros”, em que de cima “pode-se abarcá-la por partes, com o olhar” (FONSECA, 1994, p. 597).

É dessa forma que Rubem Fonseca lê a cidade, não pela reprodução do visível, mas pelo foco no invisível, naquilo que a sociedade e a mídia negam-se a ver e a discutir.

3 LER A CIDADE É SER, SOBRETUDO, REALISTA

Como Rubem Fonseca, Ferreira Gullar também se ocupou com os aspectos sociais que mais incomodam o leitor. A cidade aparece como algo pluriescalar, ou seja, como algo que é partilhado, em que se encontram as mesmas características e as mesmas condições sociais.

Em “Poema sujo” (1975), Ferreira Gullar diz que “o homem não está na cidade/ como uma árvore está num livro/quando um vento ali a folheia”, mas “a cidade está no homem” (GULLAR, 1994, p. 124). O indivíduo não descreve seu destino como gostaria, pois há diversos fatores que influenciam no sucesso de suas práticas sociais. A cidade, afirma Gullar (1994, p. 121), traz dores e humilhações: “Ah, minha cidade suja/ de muita dor em voz baixa/ de vergonhas que a família abafa [...] de camisas mal cerzidas/ de tanta gente humilhada/ comendo pouco/ mas ainda assim bordando de flores suas toalhas de mesa”.

O sujeito está, assim, condicionado a fatores sociais e econômicos. Gullar preocupa-se com as classes desprivilegiadas, com o acesso aos bens de consumo necessários à sobrevivência, com as questões trabalhistas do cidadão-operário. São esses fatores que fazem com que a cidade seja suja, por não proporcionar equipamentos humanitários e por não acolher os seus habitantes de maneira geral. No poema “A bomba suja”, de **Dentro de uma noite veloz** (1962-1975), Gullar faz uma crítica social ao sistema capitalista que propaga a exclusão social e difunde as diferenças de classes sociais respondendo ao trabalhador a partir de sua condição social. O sistema capitalista, assim como as megalópoles contemporâneas reforçam “o desenvolvimento de uma cultura da individualidade e das formas de violência” (GOMES, 1994, p. 79). Violência em diversos âmbitos: física, psicológica, epistemológica; enfim, violência social. O poeta reivindica e faz uma súplica aos direitos do salário do trabalhador, afirmando: “Mas precisamos agora/deter o sabotador/ que instala a bomba da fome/ dentro do trabalhador” (GULLAR, 1994, p. 54).

A escrita de Gullar com a eventual quebra da sintaxe, visualmente, metaforiza os fragmentos das cidades, suas lacunas intermináveis, suas fraturas e discontinuidades de sujeitos e objetos. O amontoado de palavras da coletânea de poemas **Dentro da noite veloz** e em **Poema sujo** revela a degradação urbana. O escritor faz com que a cidade torne-se visível, não apenas a reproduz, mas a sente.

Érica Peçanha do Nascimento, em seu livro **Vozes marginais na literatura** (2009), relata que os escritores da geração de 1970 buscavam subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes, desvinculando-se das produções tidas como “engajadas”. Esses escritores da classe média escreviam sobre sexo, drogas e sobre

o cotidiano das camadas médias e altas.

Não vemos, em geral, tais características nos autores citados nesse trabalho. Pode-se, sim, afirmar que Rubem Fonseca e Ferreira Gullar falam pelos outros, os subalternos. Em outras palavras, Fonseca e Gullar não habitam os espaços das classes desprivilegiadas, mas escrevem sobre os sujeitos que não possuem condições básicas de infraestrutura, não possuem acesso a produções culturais, não fazem parte da cultura hegemônica, não escrevem e, portanto, não são lidos (e ouvidos). Fonseca e Gullar, ao escreverem a realidade dos indivíduos que estão à margem da sociedade, fazem com que estes sujeitos ouçam “a voz do outro em nós”¹ (SPIVAK, 1998, p. 308), ou seja, suas próprias vozes na escrita de sujeitos de classes mais privilegiadas.

Apesar desse discurso não ter sido vivenciado pelos autores, as obras de Rubem Fonseca e Ferreira Gullar são importantes porque promovem o diálogo e/ou a troca de espaços diversos, questionam os processos massificadores de exclusão, recriam os signos, apresentam uma preocupação “obsessiva” com os acontecimentos da época em que vivem. É justamente essa relação intrínseca com o tempo presente que os aproxima de autores contemporâneos como Sérgio Vaz e Marcelino Freire, sobre os quais discursaremos a seguir.

4 DA MARGEM PARA O CENTRO DAS ATENÇÕES

O movimento de produção literária proveniente da periferia tem como propósito fundamental sanar a carência de representantes de sua própria condição de silenciado. Objetiva *agir* por meio das problemáticas que se intensificam com maior frequência na sociedade contemporânea brasileira, chamando a *atenção* de leitores e pré-leitores (novos leitores que estão descobrindo a leitura através das produções da periferia), e intelectuais renomados da academia, editoras e pessoas comprometidas com assuntos de igualdade e acolhimento sociais.

Escritores como Sérgio Vaz e Marcelino Freire compartilham experiências sobre a marginalidade, procuram materializar um grupo social que está excluído como sujeito do processo literário. Em outras palavras, esses autores são e representam sujeitos vitimizados por processos de marginalização social (minorias étnicas, desempregados, pobres), que produzem literatura “marginal”.

¹ “the voice of the other in us” (Tradução nossa).

A literatura marginal traz “à tona certa realidade de espaços e sujeitos marginais” (NASCIMENTO, 2009, p. 45). Beatriz Resende (2008, p. 26-28) usa o termo “presentificação” para designar o sentido de urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente; por isso, a cidade continua sendo um recorrente objeto literário. Para Resende (2008, p. 32), este é o tema “mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo: a violência nas grandes cidades”. A cidade tornou-se o “lócus” de conflitos tanto privados como públicos, que invadem a vida e o comportamento individuais, ameaçando o presente e afastando o futuro.

Reginaldo Ferreira da Silva- conhecido como Ferréz -, em 2000, organizou uma coletânea de textos produzidos por escritores da periferia. A revista “Caros Amigos/Literatura Marginal” mostrou um novo movimento no cenário cultural contemporâneo em que os escritores atribuíram o adjetivo marginal para classificar a sua própria condição profissional ou os seus produtos literários (NASCIMENTO, 2009, p. 45).

Essa consciência comum pode ser observada nas obras **Literatura, pão e poesia** (2011), de Sérgio Vaz, em **Contos negreiros** (2011), de Marcelino Freire. Nesta obra, o escritor confirma-se negro nas páginas finais não numeradas de seu livro, pois vive dentro do tema da periferia. Freire afirma: “E se hoje ele é branco na poesia, ele é negro demais no coração”. Naquela obra, Vaz escreve o “Manifesto da antropofagia periférica” (2007) em diálogo com o “Manifesto Antropofágico” (1928), de Oswald de Andrade. Observa-se uma consciência participante dos sujeitos que habitam os espaços da periferia: “A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune” (VAZ, 2011, p. 50).

Os conflitos públicos tornam-se privados e mutuamente partilhados pelos sujeitos que estão à margem da sociedade. A voz do “O outro”, de Rubem Fonseca surge na contemporaneidade. A “muita gente humilhada” de Ferreira Gullar, grande parte de nossas sociedades que habitam a “senzala moderna chamada periferia” (VAZ, 2011, p. 35) começou a falar, a questionar “que país é este?”, pois “uma coisa é um país, outra uma cicatriz” (VAZ, 2011 p. 1-5).

Sérgio Vaz é um dos escritores que fundaram a “Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa)”, em 2003. Nesse espaço de trocas de informações, criado também com o objetivo de sanar a carência cultural

de grande parte da sociedade contemporânea brasileira, a produção literária vem do “artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbecializa um povo desprovido de oportunidades” (VAZ, 2011, p. 51).

Essa nova geração de escritores da periferia buscam uma proximidade com outros tempos e gerações, partem da origem para lerem de alguma forma inovadora o presente. Esses escritores são contemporâneos. Giorgio Agamben em ensaio compilado no livro **O que é o contemporâneo** (2010, p. 64) discorre sobre a matéria poética do escritor contemporâneo, dizendo que “o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele”.

Marcelino Freire, no conto “Esquece”, expõe os mais diversos tipos de violência presentes nos centros urbanos. Nesse conto, também observamos o outro, de Fonseca, assim como os personagens do conto “Feliz ano novo”, deste mesmo autor. Neste conto de Rubem Fonseca, os personagens assaltam uma mansão durante o ano novo, pois se sentem no direito de aproveitar as grandes liquidações de roupas de rico, e querem comer bem na passagem do ano, não podem se conformar com um lugar que cheira mal, em meio a drogas e armas, escuro como a cor de suas peles. Da mesma maneira, Marcelino Freire mostra a revolta das classes oprimidas, social e economicamente em seu conto “Esquece”: “Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro ou porque a gente chega assim nervoso a ponto de bala [...] Violência é [...] ver aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana” (FREIRE, 2011, p. 31-32).

O incômodo com as lojas bacanas presente na obra de Rubem Fonseca pode ser discutido em conjunto ao conto “Nossa rainha”, de Marcelino Freire. A publicidade e a mídia excluem, humilham o sujeito periférico: “A mãe [...] tinha de levar a menina ao cinema. Toda vez que aparecia um filme novo. O que a Xuxa está pensando? O que Padre Marcelo está pensando? Que tanto disco à venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência” (FREIRE, 2011, p. 73).

A persistência no tema da violência cultural, social na sociedade urbana contemporânea é produto das marcas históricas do século XX e XXI. O aprofundamento das exclusões social e econômica contribui para a

grande produção de novos autores, que buscam a emancipação do tema na literatura e na vida.

5 CONCLUSÃO

Vivemos sem viver, sem uma autoconsciência de si e do outro, pois o produto urbano nos proporciona um autoaniquilamento e uma falta de questionamento do sistema organizacional imposto nas cidades. Cabe ao escritor oferecer essa reflexão não tecnológica, não racionalista.

A obra **Feliz Ano Novo** (1975), de Rubem Fonseca e os poemas de Ferreira Gullar (1975) são uma crítica à sociedade “civilizada” do século XX. Esses autores demonstram a falta de “espaços” para aqueles que não nasceram com uma herança, não “conseguem” usufruir dos espaços dominantes e também não podem aceitar a condição marginalizada que a sociedade lhes impõe.

O novo cenário contemporâneo mostra a repercussão do debate literário propostos pelos autores supracitados. Escritores da periferia como Sérgio Vaz e Marcelino Freire dão continuidade ao trabalho de busca pelos direitos humanos e demonstram, portanto, o grande desafio das cidades para a sociedade contemporânea brasileira: o combate à violência no sentido amplo, as formas de inclusão social, econômica e cultural.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** : e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2010.

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In:_____. Boris Schnaiderman (Org.) **Contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e

Stefane Soares Pereira

experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GULLAR, Ferreira. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 1994.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Biblioteca Nacional, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak?. In:_____. NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Eds.). **Marxism and the interpretation of culture**. Chicago Press, 1988. p. 217-313.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

Artigo recebido em: 08/3/2013
Aceito para publicação em: 17/6/2013